

Ao Encontro de si Mesmo

“Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado.” Santo Agostinho

O Livro dos Espíritos, questão 919/a.

Com pouco mais de quarenta e oito horas após a cirurgia, a cicatrização era completa. Seu estado de ânimo era dos melhores. Reunimo-nos ao professor para visitá-lo. Convidamos Selena para nos acompanhar. O episódio do desmaio havia lhe despertado compaixão em relação ao nosso irmão. Ao longo dos corredores, nas alas restritas, a dirigente mostrou-se assustada e compadecida pelas dores que presenciava. Solicitamos a ela que entregasse alguns lírios ao convalescente, em nome de Eurípedes. Com carinho, ela os ofertou nestes termos:

— Senhor Marcondes, como tem passado?

— Estou bem. Desculpe-me, mas não me recordo quem seja a senhora!

— Sou Selena, uma amiga. Já estivemos juntos em reuniões nesta casa.

— Perdoe-me não ter a lembrança. Ainda estou um pouco confuso.

— Não se preocupe! Tenho aqui este ramalhete de lírios, um presente do Senhor Eurípedes, que lhe entrego em nome do professor e de Ermance.

— Eurípedes? Barsanulfo?...

— Ele mesmo!

O dirigente acolheu as flores ao peito, sensibilizado. Por sua vez, o professor provocou o diálogo.

— Amigo, como está se sentindo?

— Estou me sentido leve como uma pluma e muito emotivo. É como se tivesse me livrado de enorme pressão interna. Não me lembro de ter experimentado este estado íntimo quando na Terra. Começo a me sentir muito só neste quarto. Gostaria de sair desta ala. Andar, conhecer melhor o Hospital. Chega de doença!

— Estamos providenciando algumas medidas nesse sentido. Fique tranqüilo.

— Quando poderei saber com mais detalhes o que aconteceu comigo, professor? Doutor Inácio disse-me algo sobre a causa do câncer...

— Você passou por uma cirurgia de extirpação.

— Seria um tumor?

— Não é bem isso. Era a causa matriz de sua enfermidade na próstata.

— Foi bem-sucedida a cirurgia?

— Graças ao exímio cirurgião, tivemos excelentes resultados.

— Quem terá sido esse hábil cirurgião?

— Filmamos nossas cirurgias com fins terapêuticos e educacionais. Tenho permissão para disponibilizá-la ao seu conhecimento. Gostaria?

— Agora mesmo! Seria possível?

— Então, vamos lá!

O professor ligou o sistema de vídeo.

— Apenas peço sua permissão para que Selena

acompanhe, já que nós outros estivemos presentes ao ato cirúrgico.

— Não vejo nenhum problema!

Marcondes e todos nós assistimos às cenas atentamente. Selena demonstrou pavor ao ver as mãos arroxeadas de Dona Modesta. Quando foi feita a cisão, ambos impressionaram-se, sobremaneira. Finda a amostragem, a mente do dirigente fervilhava de indagações. Todavia, preferiu o velho hábito de opinar sem conhecer para defender-se do sentimento de vergonha:

— Não imaginei que as doutrinações pudessem causar semelhante enfermidade! Acho trágico e injusto, após tantos anos de devoção, ter sido prejudicado dessa forma. Agradeço por me livrarem desse terrível mal.

— Retifique sua visão, caro irmão! – falou o professor com firmeza. Ter respostas para tudo é um hábito enfermigo de graves proporções. Aprenda a dizer “não sei” e a perguntar com humildade e desejo de aprender. Absolutamente isso não foi resultado do trabalho de amor aos desencarnados.

— Que mais poderia provocar o alojamento desse ser indesejável em minhas entranhas?!

— Nada lhe ocorre na lembrança?

— Não!

Ao responder, Marcondes passou rapidamente o olhar por todos nós. Era perceptível que havia recordado algo grave. Com astúcia psicológica, o professor pediu licença a nós e à Selena, a fim de travar um diálogo íntimo com o paciente. Retiramo-nos da sala para algumas visitas na ala. O doutrinador estava sendo estimulado a tratar de lutas muito árduas e íntimas.

— Seja franco, caro amigo – insistiu Cícero Pereira – você se encontra no mundo da Verdade. Chega o instante de olhar-se sem as máscaras enfermigas que costumamos usar para ocultar nossos conflitos. Extirpe de si mesmo o

sentimento de vergonha e fale sobre seus segredos sem medo. Tenha disposição de trazer à tona as mais secretas revelações de sua vida a bem de sua própria paz. Sua permanência neste leito é sintoma de carência.

— Desculpe professor, mas os assuntos pessoais me dizem respeito e não pretendo e nem posso dividir com qualquer pessoa. Desculpe-me!

— Marcondes, o mal que guardamos na vida íntima jamais é assunto pessoal, e sim conta coletiva onerosa que tentamos pagar sozinhos tão somente em razão da imagem soberba que construímos sobre nós mesmos. O orgulho tem o poder de enlouquecer-nos a tal ponto, que imaginamos ser melhor a dor do segredo, que o alívio da sinceridade e do autoperdão. Fique sabendo, porém, que nosso papel nesta casa corretiva não se restringe à alegria de fazermos amigos uns dos outros. Compete-nos o papel de educadores da alma junto ao extenso leque de necessidades de quantos aqui se aportam como enfermos. Sendo assim, se necessário for, contarei eu mesmo o que relata sua ficha reencarnatória, conquanto a partir de então seus méritos fiquem diminuídos ante o convite à libertação.

— Porventura, estará me ameaçando, professor?

— Seu entendimento, meu filho, está turvado pelas lutas e vícios humanos. Na minha posição, não posso mais lhe permitir avançar em direção ao velho homem manipulador e prepotente. Se, na sua cegueira, a minha palavra fraterna representa uma ameaça, então se considere intimado a dizer a verdade.

— Isso é demais. Jamais imaginei ser tratado dessa forma e...

Quando se preparava para continuar sua defesa, o professor falou com determinação:

— Conte-me sobre Eulália e pare de se defender! Liberte-se dessa culpa, meu irmão!

— O que o senhor sabe sobre Eulália?

— Tudo.

— Então por que me pergunta?

— Para que você mesmo descubra a extensão dos reflexos de seus atos em si mesmo.

— Certamente o espírito que chamam de meu mentor anotou isso também na minha ficha!

— Fez parte de seu aprendizado terreno.

— Vocês realmente adoram mostrar as nossas faltas por essas paragens.

— Para quem passou a vida inteira tentando fugir!... Nada mais justo!

— Eu não quero falar sobre o assunto. Onde fica meu livre-arbítrio?

— Seu livre-arbítrio foi caçado, meu filho, desde o momento que a insanidade formalizada tomou conta de sua vida. Para os que conheceram as verdades espíritas, espere-se o tributo da autenticidade e da honestidade consigo mesmo, sem os quais, dificilmente a criatura conseguirá vencer o velho hábito da ilusão. E a ilusão nada mais é que loucura.

— O senhor me chama de louco?

— Qual de nós não o é? Deixar de seguir o bem e o dever é a maior loucura do homem.

— Pois fique sabendo que me recuso a falar.

— Marcondes, se eu sair desta porta para fora, só retornarei aqui depois de dois dias. Tenho dezenas de casos graves a acompanhar ainda hoje. Sua vida mental, extremamente sensível como se encontra, ficará como uma chaleira prestes a explodir. Mais algumas horas, caso você não a alivie, tenho péssimas previsões para seu quadro, que começa a se estabilizar graças a medidas a que você mesmo acabou de assistir no vídeo. Saia desse circuito enquanto é tempo e encoraje-se a dizer o que não gostaria. É para seu próprio bem. As medidas exteriores só terão valor se optar

por cuidar de suas feridas interiores.

— O senhor está me forçando! Isso é um desrespeito! É muita pressão! Tenho medo de dizer...

— Por que o medo?

— Que farão comigo quando eu confessar?

— Nada, amigo! Absolutamente nada será feito por nós. O trabalho é todo seu. Experimente livrar-se dessa culpa que o atormenta. Fale, Marcondes!

— Está bem! Está bem! – manifestou irritado. Chega de pressão, eu não agüento mais! Isto é pior do que a culpa que sinto!

— Fale!

— Eulália foi minha amante. Minha mulher preferida! Está satisfeito com a confissão?

— Sou seu amigo e não confessor. Tranqüilize-se – disse o professor com humildade – não há razões para ofensa.

— Não há razões?! O senhor..

Quando Marcondes preparava uma nova ofensa, o benfeitor cortou sua fala e revelou:

— O ovóide que você viu na fita veio dela, meu filho!

— O ovóide veio dela?... De Eulália?

— Sim, veio.

— Pelo amor de Deus! Vamos parar por aqui!

O professor, notando o desejo de fuga da conversa, teceu algumas considerações sobre o caso para despertar interesse. Envolvendo-o afetivamente através das informações, acalmou o paciente que, por fim, curioso, mas ainda muito constrangido, solicitou:

— Se assim deve ser, explique-me com detalhes!

— O sentimento de culpa forma um campo vibratório dinâmico e receptivo na criatura. As ações que colidem com nossa consciência, especialmente aquelas que são praticadas em milênios de repetição, consolidam os “tumores energéticos” na vida mental que irradiam por todo o corpo

físico e perispiritual em forma de ondas potentes de atração e retenção. Semelhante teor de energias desenvolve o sistema ecológico vibracional do homem, agasalhando formas de vida correspondente à natureza de suas emissões. A análise microscópica do corpo humano revela bilhões de seres vivendo em regime de co-habitação, um autêntico ecossistema na massa corporal. Bactérias e fungos, vírus e milhares de micro-organismos trabalham incessantemente formando uma extensa fauna e flora celulares. O perispírito, igualmente, é um sistema organizado que reflete a vida mental da criatura. Eulália carrega várias formas ovóides em seu útero que a ela renderam o câncer fulminante. A origem das provas de Eulália está em vidas pregressas, nas sucessivas e impiedosas atitudes abortistas.

— Mas como essa coisa passou para mim, professor?

— Não trate como coisa uma alma humana nessas condições meu filho! Os ovóides, a despeito de sua condição repugnante, são seres que um dia amaram e foram amados. A negação da culpa adotada para nos defender dos efeitos de nossos erros, cria abscessos energéticos. Você os agasalhou no sistema genital em razão da Sublime Lei Universal de solidariedade.

— Mas eu não pedi isso. Muito injusto! Não fiz nada por mal!

— Não precisa pedir. É cláusula da Lei Natural. O homem é o único animal pensante, portanto com capacidade de escolher. Sua escolha, porém, implica igualmente responsabilidade pelos seus atos. Pode optar pela vida livre ou pelos regimes de escravidão, jungindo-se aos processos retardatários do sofrimento para crescer. Ao decidir-se pelos caminhos em desacordo com a Lei Divina, está automaticamente assumindo para si os efeitos naturais de seu arbítrio. Mesmo nos caminhos inferiores da leviandade ou do mal, pulsam os Estatutos da Cooperação Iniludível e

da evolução em sinergia. Cada criatura, por deliberação consciente ou por injunções decorrentes de sua insanidade, vive em regime de troca e apoio, submetendo-se aos imperativos da natureza.

— Por que não me livre disso... quer dizer... dessa criatura... com a morte?

— A morte nem sempre é alforria. Muitos morrem, mas não desencarnam. Permanecem com as lutas do corpo. Tudo depende de como vivemos a vida para que a morte seja luz e paz em nossos caminhos. Que são os ovóides e outras tantas expressões teratológicas de vida, senão irmãos nossos que perderam temporariamente a razão e a consciência? Quem são os corações achincalhados pela zooantropia nos pátios infernais, senão almas sensíveis que tombaram na culpa? Quais movimentos obedecem às formas vivas não inteligentes acomodadas ao corpo material, senão à atração para evolução à qual, igualmente, encontram-se submissas? Só mesmo a soberba humana poderia imaginar uma caminhada livre de semelhantes desígnios do crescimento. Evidentemente, o homem, único depositário do pensamento contínuo, é convidado a outro gênero de caminhada, conquanto ainda posicione-se como quem prefere os percalços do instinto, atraindo um contingente de dores voluntárias para si.

— De que me valeram mais de quatro décadas devotadas à causa espírita? Que sentimento de arrependimento o meu! Então sou um falido?! Era essa a conclusão a que o senhor queria que eu chegasse? Qual o tamanho de minha queda?

— Marcondes! Marcondes! Trajetória igual à sua é rara entre nós. Pouco mais de um mês para se libertar de efeitos que costumam exigir séculos de reparação... Você já começa a registrar uma profunda alteração na sensibilidade. O ovóide, em seu caso, era uma manifestação viva do “tumor emocional da prepotência e da culpa”, um fator de obstrução do afeto.

Devido a créditos auferidos no serviço do bem, chegou seu instante de libertação dessa prova voluntária. Existem muitos casos que renascem com o ovóide implantado.

— Foi uma prova voluntária?

— Exatamente. Para Eulália, era um programa previamente acertado para o renascimento. Para você, foi um ônus adicional. Naturalmente obedecendo à lei da causalidade...

— Causalidade?...

— Você também tem seus laços com a história de Eulália, conquanto dispusesse de outras alternativas de quitação e não as utilizou.

— Portanto o câncer que me vitimou foi um suicídio?

— Quase isso! Devido aos seus trabalhos de amor, conseguimos prolongar sua vida até o tempo previsto de sua partida. Contudo, seus últimos vinte anos tão sofridos com a doença poderiam ser evitados, caso sua escolha fosse outra.

— Afinal! Sou um falido ou um vitorioso?!

— Que você acha?

— Não sei, professor! Sinceramente não sei de mais nada!

— É assim mesmo, meu bom amigo! Quase sempre, ao ultrapassarmos os portais da morte, mesmo guardando extenso conhecimento espiritual, sentimo-nos sem respostas, sem referências. Somente o tempo responderá a essa indagação. O trabalho e o estudo lhe ensinarão a aferir melhor as sutilezas do templo sagrado de sua consciência. Por agora, acredite que sua situação não é das piores. Apenas isso.

— Ajude-me a entender melhor minha dúvida, por caridade.

— Meu filho, não existe falência, existe resultado, efeito... Sob análise de seu projeto reencarnatório, pode-se afirmar que houve desvio, tamanha a extensão das oportunidades que desperdiçou ou não soube aproveitar. Sob

o enfoque das Leis Divinas, avançou, considerando o passado torpe pertinente à grande maioria de nós. Em síntese, evitou quanto pôde o mal do qual se encontrava avisado, mas não criou todo o bem que poderia. Eis o problema: pura negligência! Freqüentemente, os dramas do arrependimento tardio são adquiridos nas sendas infelizes da negligência e da indiferença aos deveres conscienciais. Optamos em aceitar os encantadores convites do desejo inferior em detrimento da oportunidade redentora da superação.

— Estou me sentindo envergonhado!

— Bom começo! Porém não fique nisso. Há muito que fazer pela sua recuperação. Quem converte a vergonha do remorso em humildade, aprende a sentir-se pequeno sem punir-se. Olhe os lírios que Eurípedes lhe endereçou – e apontou para a cabeceira da cama. Nestas flores, há uma mensagem de esperança do apóstolo para sua caminhada.

— Qual é a mensagem, professor Cícero?

— Eurípedes foi chamado por Maria, a Mãe Santíssima, para uma tarefa inigualável em todos os tempos da humanidade. A tarefa de colher os lírios que florescem em pleno pântano. Socorrer os cristãos falidos de todos os segmentos. Ao erguer essa Obra de Amor, o Mensageiro da Esperança recebeu uma outorga do Espírito Verdade. Os que conheceram a mensagem de Jesus e não conseguiram, ou desejaram ser fieis aos ditames de sua consciência, são as almas mais aliciadas pelos mandatários da perversidade. Utilizando-se dos dramas emocionais da culpa e do desamor a si mesmo, esses vilipendiadores da paz alheia os aprisionam e flagelam sem piedade. A mensagem de nosso diretor é iluminar a vida com esperança em quaisquer condições.

— O senhor me orientará?

— Você está sob responsabilidade de Inácio Ferreira nesta casa. Ele será seu tutor temporário.

— Doutor Inácio! Quem diria! Como quero agradecer-

lhe pela cirurgia. Com que carinho me tratou! Ele esteve aqui e nada mencionou sobre o fato de ser o cirurgião. Que humildade!

— Amanhã ele virá vê-lo.

— Professor, perdoe-me minha intransigência! Perdoe-me... Encontro-me confuso...

Marcondes não resistiu ao volume das informações e à ternura de Cícero Pereira, deixando escorrer algumas lágrimas.

— Acalme-se! O choro far-lhe-á enorme bem. Assuma sua condição de paciente em tratamento e tudo ficará bem.

— O senhor conhece Eulália? – falou o dirigente um pouco refeito em sua fragilidade.

— Eulália está aqui no Hospital. Quando sair desta ala, certamente os passos de vocês se cruzarão novamente.

— Ela sabe que estou aqui?

— Acompanhou tudo pelos vitrais da sala cirúrgica, orando a Jesus para que pudesse, fora da sala, receber em seus braços a pequenina incubadora com aquele ser desprovido e deformado.

O dirigente não suportou a notícia. Mãos aos olhos, teve prolongada crise emocional. Seu pranto, seguido de suspiros de dor, banhava-lhe a alma em novas esperanças. Disse em voz alta e sofrida sobre o quanto se arrependia. Vez por outra, retirava as mãos com as quais tentava segurar as lágrimas e olhava o professor que lhe afagava a cabeça. Por fim, ele se abraçou ao seu tutor como uma criança, rendendo-se ao perdão e ao sossego íntimo. Após algum tempo, no intuito de recompor o companheiro, disse o professor:

— Posso chamar novamente nossas companheiras Ermance e Selena para o diálogo?

— Sim, sim! – e limpou suas lágrimas com um lenço ofertado por Cícero Pereira.